

O PRIMEIRO, E O “ÚLTIMO PAU-DE ARARA”: O DESVIO PARA CUBA.

José Valdenir Rabelo Filho ¹
Adauto Duque ²

RESUMO

O presente artigo discute duas ações de seqüestro de aeronaves comerciais, durante a Ditadura Militar de 64, as quais foram praticadas em dois momentos distintos, a primeira em 1969 e a “última” em 1984, buscando evidenciar a complexidade conflitiva entre o sistema Socialista e Capitalista, e ainda, a força e o fascínio ideológico que tais sistemas exerceram, no contexto geral da *Guerra Fria*. Enfim, ele se torna possível a partir de análises de periódicos que, produzidos àquele momento dão conta do ocorrido, bem como, de um documentário, intitulado “*Último Pau-de-Arara*”.

Palavras-chave: Ditadura Militar no Brasil; ações subversivas; seqüestro.

SUMMARY

The present article argues two actions of kidnapping of commercial aircraft, during the Military dictatorship of 64, which had been practised at two distinct moments, the first one in 1969 and the "last one" in 1984, searching to evidence the conflitiva complexity between the Socialist and Capitalist system, and still, the force and the ideological allure that such systems had exerted, in the general context of the Cold War. At last, it becomes possible from analyses of periodic that, produced to that moment gives account of the occurrence, as well as, of a set of documents, intitled "Last Pau-de-Arara".

Word-key: Military dictatorship in Brazil; subversive actions; kidnapping.

Introdução

O “*Breve Século XX*” ³ é marcado por intensos e danosos conflitos, sociais, políticos, econômicos e ideológicos. Dentre eles, destaco, especificamente a *Guerra Fria*, haja vista que ela nos oferece um aparato fundamental para a proposição desejada, que é a análise de ações consideradas “subversivas”, no contexto da Ditadura Militar de 1964 no

Brasil, estando estas vinculadas a questões ideológicas tão comuns às práticas perpetuadas pelo regime revolucionário popular cubano implantado em 1959.

Com o término da *Segunda Guerra Mundial*, a situação internacional passa a ser elaborada, não somente pelo confronto entre as duas potências que emergem deste processo, bem como das ideologias defendidas por elas: de um lado o sistema *Capitalista* defendido pelo bloco norte-americano, ou mais especificamente pelos Estados Unidos; do outro, se encontrava a União Soviética, defensora de ideais reformuladores das estruturas vigentes, propondo, enfim, uma estrutura mais social, socializante, o *Socialismo*.

Desta maneira vale aqui destacar argumentos defendidos por Hobsbawm sobre esta situação em específico, asseverando que “*A Segunda Guerra Mundial mal terminara quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, como uma Terceira Guerra Mundial, embora uma guerra muito peculiar*”.⁴

Peculiar, pois as questões que agora estavam em jogo, não poderiam ser resolvidas, ou não somente, com base no confronto direto, físico, mas sim, fazia-se necessária, a utilização de modos específicos para se perpetrar as ideologias propostas: *Socialismo* x *Capitalismo*. Para tanto, se forjava como necessário agrupar o maior número de países que simpatizassem com uma das causas, para que assim fosse possível o fortalecimento ideológico de seus princípios, e, por conseguinte, dos blocos – fosse este o *socialista* ou o *capitalista*.

A partir daí, é que os Estados Unidos, no interesse de legitimar o seu sistema político-econômico, não menos ideológico, lança o discurso globalizante que agrega, ou que pelo menos tentava agregar o bloco das “Américas”⁵ em sua totalidade, como se este, fosse, ou pudesse ser considerado como um todo harmônico, homogêneo, amorfo. Nesta perspectiva, é que se forjam as práticas e pretensões da *Doutrina Monroe*⁶, ou, mais especificamente, a tentativa de fechar os laços com as nações que constituem as “Américas”, aquele país propaga o discurso de “*América aos americanos*”, na tentativa de agregar aliados à sua causa, e assim fortalecer-se contra o “perigo vermelho”.

Em contrapartida, mas no mesmo princípio – que seria agregar, ou trazer para a discussão o maior número de países simpatizantes com o ideário socialista – a União Soviética lança suas propostas, as quais, principalmente nas “Américas”, serão tratadas de forma marginal, por alguns, mas como fundamento reformulador das estruturas que

exerciam domínio, donde, ao mesmo tempo em que reformula, dá outros significados, faz novas leituras, enfim, rompem-se os laços de clientelismos ⁷. Assim se operou em Cuba, onde em meados de 1959, um exército popular-revolucionário, contando com a atuação de Fidel Castro, Raúl Castro, Camillo Cienfuegos, e ainda Ernesto Guevara, dentre tantos outros, tomam a ilha de Moncada, depondo, e assim desestruturando um sistema opressivo, que imperava de forma ditatorial, com o apoio norte-americano, na figura do sargento Fulgêncio Batista. Daí é que se faz necessário aqui destacar um argumento de Barssoti e Ferrari, quando explicitam que

Levando a fundo e a cabo o processo de descolonização, limite das tentativas revolucionárias burguesas, a Revolução Cubana de 1959 realiza uma proeza: uma revolução democrática e popular fortemente marcada pela afirmação nacional e antiimperialista. ⁸

O que passava a representar então este novo regime, ou este sistema revolucionário-popular para as estruturas ideológicas defendidas e perpetuadas pelo capitalismo imperialista norte-americano? Como podemos compreender os parâmetros adotados pelo regime cubano, no seu arcabouço ideológico? Será que ele, além de se forjar como popular-revolucionário trazia em seu cerne, ou melhor, se agregava em sua essência aos parâmetros doutrinários socialistas, defendidos pela União Soviética? Quais as influências e implicações que este movimento traz para as relações estabelecidas dentro das “Américas”? Que poder, a ação revolucionária cubana passa a exercer sobre as demais nações?

Como será apontado adiante, o movimento guerrilheiro revolucionário-popular cubano, de 1959, faz com que as “Américas” passem a ser consideradas em sua criticidade, ou ainda, esta se torna presente na medida em que os Estados Unidos, defensor do arcabouço capitalista passa a considerar a “pequena”, porém “grandiosa” ilha cubana como um mal para a operacionalidade, ou para a potencialidade constitutiva da “*América aos americanos*”. Neste sentido, faz-se necessário, para a defesa de seu território – pelo menos era assim que a *Doutrina Monroe* considerava –, perseguir, para assim banir o ideário “vermelho”, socialista.

Ditaduras Militares – a tentativa de controle

Como tentativa de conter ações que direta ou indiretamente pudessem ameaçar, ou ainda romper a “harmonia” social, o *Império* norte-americano passa a financiar regimes ditatoriais pelas “Américas”, como foi o caso do Brasil, que veio a vivenciar esta fatídica experiência a partir de 1964. Para tanto, estabelecendo regimes “*clientes*”, o bloco econômico representado pelos Estados Unidos, passa a marginalizar, e perseguir, de modo mais direto, qualquer indício, ou ação que, partindo contra as estruturas sociais desejadas “harmônicas”, pudessem ter algum paralelo com o viés não só teórico, mas prático, socialista.

O medo aumentava ainda mais, pois alguns países já passavam a posicionar-se de acordo com perspectivas que fugiam à ordem capitalista, isto percebido, ainda no caso de Cuba, quando o governo popular-revolucionário anuncia aproximação com o bloco soviético, nos anos iniciais da década de 1960, ou mais especificamente quando “(...) *em 16 de abril de 1961, a opção socialista de Cuba é declarada por Fidel Castro*”.⁹

Desta maneira, considerando esta criticidade operada nas “Américas”, agravada pela vinculação de Cuba ao bloco soviético, em 31 de março de 1964, o governo de João Goulart – que àquele momento era legitimado pela ordem presidencialista, a qual veio superar o sistema parlamentarista com o plebiscito de janeiro de 1963 – é destituído da Presidência da República a partir de um golpe civil-militar, que operou a inserção do Brasil em 21 anos de Ditadura. Tal ato, de acordo com Pandolf¹⁰ necessita ser explicado a partir do entendimento de que “*Um dos argumentos centrais para justificar o golpe que pôs fim à ordem democrática vigente no país desde 1964 foi o ‘perigo comunista’*”. Ainda, é válido salientar que João Goulart, muitas vezes foi considerado ideólogo de uma República sindicalista¹¹, a ser implantada no Brasil com ideais socialistas, e isso se forjava como um “perigo” à ordem social eminentemente capitalista. Para tanto, a intervenção civil-militar se justificava como a “tomada do controle” do estado para que assim fosse possível a contenção da “contaminação” comunista.

A partir daí, podemos inferir, diante do processo histórico experimentado, que as ações estabelecidas a partir de então passam a direcionar-se pelo princípio persecutório, onde qualquer ação, ou indício desta, que estivesse vinculada ao ideário “vermelho” deveria ser banida.

Nesta perspectiva, há de se pontuar que as ações consideradas de “esquerda”, ou “subversivas”, fizeram-se presentes de modo muito operante e recorrente, ao longo das experiências que passaram a ser fomentadas pelo conflito político-ideológico. De um lado, tinham-se grupos formados por civis e militares que desejavam manter a “ordem”, e de outro, aqueles que desejavam subvertê-la. Deste modo, é que grupos políticos diversos, passam a atuar de maneira mais direta neste cenário conflitivo, como por exemplo, o Partido Comunista Brasileiro (PCB), que muito embora estando na ilegalidade desde o início dos anos 60, operava de modo participativo e atuante no cenário político nacional desde a década de 1920.

Ainda, fomentava participação neste quadro, grupos políticos mais radicais, que delimitavam uma ação mais direta, pela força, para o rompimento da ordem desejada harmônica. Dentre eles podem-se destacar duas vertentes políticas que surgiram, como força alternativa ao PCB, em princípios da década de 1960, e que àquele momento passavam a buscar participação de maneira mais incisiva, que seriam: a Ação Popular (AP), e a POLOP (Organização Revolucionária Marxista – Política Operária), a qual, “(...) contestava as idéias reformistas e pacifistas do PCB, propondo a luta armada revolucionária pelo socialismo”.¹²

Ainda, há de se pontuar, dentre os tantos outros agrupamentos políticos surgidos, ou que passaram a atuar neste período, a atuação do Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), que, surgido em 1962 a partir das Ligas Camponesas, contando com a atuação de Francisco Julião, era “*Inspirado no exemplo da Revolução Cubana, [e] (...) pretendia ser o embrião de uma guerrilha rural (...)*”.¹³ Da mesma maneira que teve seu princípio reacionário agregado à construção político-ideológica deste partido, a *Revolução de 1959* exerceu força, ainda, no aparato organizativo da guerrilha rural do Araguaia, a qual, é válido salientar, foi desestruturada no início da década de 1970 pelo exército brasileiro.

O desvio para Cuba

Muito embora, as ditaduras militares implantadas nas “Américas” tenham partido na perspectiva de se legitimar a perseguição, e, por conseguinte a expulsão do ideário “vermelho”, do socialismo, muitos países resistiram, travando uma luta direta com este sistema persecutório, o qual, não há de se negar, tinha o apoio dos Estados Unidos.

Considerando o contexto das experiências travadas no Brasil, as quais, teciam certa simpatia com a revolução-popular cubana, podemos aqui, a partir de agora, apontar duas ações que explicitam o fascínio que a *Revolução de 1959* exercia no Brasil, principalmente servindo como inspiração de luta a ser alcançada, travada, a qual se precipitava pelo viés da luta armada, levada do campo para as cidades.

Contudo, é válido destacar que o sistema persecutório que foi exercido ao longo dos anos ditatoriais no Brasil, não foi fruto de uma reação posterior ao golpe, mas sim, esta prática foi forjada no momento mesmo da tomada do poder. Desta maneira, cabe um apontamento evidenciado por Fico, quando ele, trabalhando no contexto da Ditadura Militar de 64, ressalta que

*(...) o projeto repressivo baseado numa 'operação limpeza' violenta e longa estava presente desde os primeiros momentos do Golpe. Assim, o Ato Institucional nº. 5 foi o amadurecimento de um processo que se iniciara muito antes, e não uma decorrência dos episódios de 1968 (...).*¹⁴

Desta maneira, com um sistema repressivo agora legítimo, ou legitimado como *Lei*, o Brasil passa a encaminhar-se para um período agudo, crítico, de repressão declarada, exacerbada, onde, como bem ressalta Fico, arregimentava o exercício de uma "operação limpeza", no princípio lógico de banir o comunismo, ou qualquer ação que diametralmente se relaciona a ele.

Como reação ao endurecimento do regime ditatorial, legitimado com o AI 5, muitos agentes políticos de esquerda se vêem obrigados a entrarem na ilegalidade, ou ainda, passam a encarar o exílio como possibilidade para uma suposta reorganização, ou ainda, como um meio para continuarem vivos. Nesta perspectiva, é que em 08 de Outubro de 1969, data em que é lembrada a morte de Che Guevara (morto em 08 de Outubro de 1967, na Bolívia), o jovem cearense de 19 anos, Carlos Augusto Alencar Cunha, juntamente com outros três companheiros, seqüestra "(...) um *Caravelle da Cruzeiro do Sul (...)* transformando-se no primeiro avião comercial brasileiro seqüestrado em vôo e obrigado a seguir para Cuba".¹⁵

Tendo principiado sua atuação política em movimentos estudantis, passando por Sindicatos, e acreditando que a luta armada se forjava como meio para a reação contra as

práticas perpetradas pelos militares, e ainda, estando vinculado, depois do rompimento com o Partido Comunista Brasileiro (PCB), ao MR-8 (Movimento Revolucionário 08 de Outubro), o qual se posicionava como “*dissidência comunista*”, Carlos Augusto, percebendo que não se encontrava mais em segurança, dado o “endurecimento” do regime, onde vários companheiros seus estavam “caindo”, passa a pensar numa saída para o exterior, para que assim escapasse do crivo dos militares. Daí ele ressalta que

*Eu fiz o seqüestro porque não quis utilizar os meios de fuga que alguns companheiros utilizavam – sair pela fronteira do Brasil –, principalmente porque já existiam esquemas policiais-militares formados e o pessoal caía com muita facilidade. Por isso, pensei numa maneira inédita de sair do País: o seqüestro de um avião.*¹⁶

Ainda, de acordo com o artigo do jornal Unitário¹⁷

*O avião tinha saído (...) do Galeão com destino a Belém e Manaus. Pouco depois da partida da Capital paraense o jato foi obrigado a mudar de rumo e seguir para Georgetown, na Guiana, primeira escala de sua viagem rumo a Havana.*¹⁸

Bastante significativa, é a força que a revolução-popular cubana de 1959 passa a exercer sobre o Brasil, bem como, sobre outros países latino-americanos, destacando-se a figura de Ernesto “Che” Guevara como um ícone das ações revolucionárias praticadas nas “Américas”, onde, na ingerência do rompimento proposto, outros países passam a suprirem-se do ideário inconformista, trazendo à tona, enfim, possibilidades de rompimento com os regimes “clientelistas” vinculados à potência capitalista, figurada pelos Estados Unidos. Desta maneira, como bem foi aventado anteriormente, o seqüestro do avião da Caravelle, no Brasil, traz em seu cerne, simpatias com a revolução cubana, e ainda, é gerido num momento em que a morte de “Che” é lembrada. Contudo, não somente no Brasil, a data de 08 de Outubro, passa a ser alvo de ações de esquerdistas latino-americanos, como foi o caso do Chile, que encenou um – a assemelhar-se da ação brasileira – seqüestro de um avião, quando,

Um boing 707 da aerolineas argentinas assaltado em pleno vôo com 63 pessoas a bordo fez hoje uma escala para reabastecimento no aeroporto de Pudahuel, no Chile, antes de

*seguir viagem rumo a Cuba. O seqüestro coincide com o segundo aniversário da morte do comandante Ernesto ‘Che’ Guevara. (...). Este foi o primeiro assalto de um avião argentino no Chile e teria alguma relação com o segundo aniversário da morte de ‘Che’ Guevara (...).*¹⁹

O que passava a representar esta ação no Brasil – somada à do Chile – diante do rompimento que ela propunha frente ao regime militar, quando jovens brasileiros atraídos pela causa cubana, passam a buscar atuação política nos parâmetros revolucionários implantados em 1959, os quais principiavam por um viés de “guerra de guerrilha”, de guerrilha rural? Como considerar este “primeiro pau-de-arara”²⁰, no Brasil, que parte com destino a Cuba? E quais suas relações com ações que se precipitam em um seqüestro de avião em meados de 1984, o qual é direcionado também para Cuba?

Do Ceará para Cuba

Bem, o que se pode apontar diante da análise do documentário “*Último Pau-de-Arara*”, o qual retrata a ação de jovens cearenses em 1984, bem como de alguns periódicos, é que esta, protagonizada por Fernando Antônio Santiago e João Luis Araújo (o “Santinho”), vem marcada por relevante despreparo diante da ação do seqüestro, é o que se pode perceber na fala de Fernando, quando ele relata que

*Nós havíamos planejado uma coisa... Pensamos que conhecíamos sobre o avião, mas no momento tivemos algumas surpresas, pelo tamanho do avião, a tripulação era maior do que agente tinha investigado, e uma seria de outras coisas que foram acontecendo (...).*²¹

O seqüestro do Avião da Varig-Cruzeiro, procedente de São Paulo, sendo seu destino final Manaus, com escala em Fortaleza, em 03 de Fevereiro de 1984, foi realizado com a participação efetiva de Fernando e João, contudo, na medida em que o acontecimento ganha espaço nos veículos midiáticos, principalmente em periódicos que circulavam em Fortaleza, local onde residiam, e embarcaram os atores desta ação, fica evidente, a tentativa de se colocar o caso como uma ação “inconseqüente”, ou melhor, o que se pode inferir é que se orquestrava a proposição de se descaracterizar a ação em sua essência política, como podemos perceber no discurso do Superintendente da Polícia

Federal no Ceará, Edgar Fuques, em entrevista ao jornal *O Povo*, quando ele ressalta que “*Poderá ter sido um ato isolado, inconseqüente de jovens que não conhecem o mundo lá fora*”²², ou ainda, em outro momento quando “*(...) o Ministro da Aeronáutica, brigadeiro Délio Jardim de Matos, disse (...) não acreditar que a ação tenha conteúdo político*”.²³

O seqüestro ganha destaque nos mais variados jornais que circulavam em Fortaleza, dentre eles *O Povo*, *O Estado*, *Diário do Nordeste*, entre outros, os quais passaram a transmitir notícias sobre o ocorrido. Contudo, há de se destacar que o fato assume uma perspectiva muito controversa, diante das matérias apresentadas nos periódicos, principalmente, no que concerne à atuação, ou elaboração intelectual do seqüestro, bem como, num primeiro momento, sobre os envolvidos. Daí, vale aqui pontuar, dialogando com Bezerra, que enquanto construção social, “*(...) o jornal como um meio de comunicação (...) informa, forma e deforma a opinião pública*”²⁴, e, partindo deste princípio, as manchetes que englobam a ação dos cearenses Fernando e João Luís, encaminha-se por uma escrita que busca dar legitimidade ao Regime Militar, haja vista deixarem implícito – descaracterizando a ação em sua essência política – que ao longo das experiências onde os militares estiveram a gerir a política brasileira, o combate ao comunismo tenha sido superado, dado o enfraquecimento das ações dos países que lançavam-se à frente da disputa ideológica, em defesa do comunismo, prevalecendo, assim, o discurso oficial do capitalismo norte-americano.

Daí, vale a descrição dos sujeitos sociais que atuaram neste processo, destacando-se, primeiramente Fernando Antônio Santiago, o qual, à época do seqüestro se encontrava desempregado, haja vista que desde sua demissão do *Banco Real*, onde trabalhava como *Contínuo*, em 12 de Dezembro de 1983, não conseguira vincular-se a alguma atividade produtivo-financeira, ou melhor, não conseguira emprego, ficando à mercê da ajuda financeira de seus pais, José Vicente Santiago e Antônia de Sousa Santiago, com os quais morava, juntamente com sua esposa e filha. Ele, é retratado por José Araújo do Nascimento, àquela época diretor da Escola de 2º Grau Professor José Maria Campos de Oliveira, onde Fernando estudara, como um jovem que tinha um posicionamento político “subversivo”, pois, como atuante do Centro Cívico da escola “*(...) vivia insuflando os demais alunos a participarem de atividades subversivas(...)*” , e que por conta disto, o

Centro Cívico da escola teve de ser fechado, “(...)porque eles viviam fazendo conclamações de ordem política, distribuindo boletins e panfletos(...)”.²⁵

O argumento de José Araújo do Nascimento, então diretor de uma Escola Pública, a qual estudara “o subversivo seqüestrador”, delimita muito bem o seu *lugar social*²⁶ dentro deste contexto, de, ainda, Ditadura Militar. Ora, como Diretor de Escola Pública, o então José Araújo deixa ver um discurso conservador que dá legitimidade ao regime militar, pois, ao mesmo tempo em que enquadra Fernando Antonio como um “subversivo”, ou seja, como um sujeito inconformista, que rompe com os parâmetros ordinários, deixa implícito que o seu posicionamento político, bem como um suposto posicionamento político desejado socialmente, ou ainda, dentro da escola que dirige, não se vincula às proposições esquerdistas tão em voga na época, mas sim, a um posicionamento de aceitação da interferência militar para o banimento da ameaça comunista do Brasil.

Quanto à referência de “eles”, destacada anteriormente na fala de José Araújo do Nascimento, pode-se entender que esta pluralidade de atuação era coadjuvada por João Luis Araújo, o qual estudara na mesma escola que Fernando, participando, também, do *Centro Cívico* – uma espécie de agremiação estudantil – da referida escola. Há de se salientar ainda, que José Araújo destaca que João Luis seria natural de São Paulo, e, que depois de retornar de uma viagem feita ao Araguaia²⁷, as reuniões com Fernando passaram a ter maior periodicidade, isto, antes da ação do seqüestro. Daí, o Diretor destacar que como estudante, João Luis “(...) era violento ao defender seus pontos de vista políticos”²⁸, e que por conta disto, afirma que “Foram políticos os motivos que os levaram a seqüestrar o avião da Cruzeiro”.²⁹

Sobre as controvérsias existentes no caso, evidenciadas a partir da análise dos periódicos, como bem foi aventado de forma breve anteriormente, apontam para a existência de um mentor intelectual do seqüestro, que seria Rui Cornélio Barsi de Holanda, o qual, procurado pela Polícia Federal, dado o seu envolvimento em atos “subversivos”, teria embarcado em São Luis, quando da escala do Air-bus no Maranhão. Rui Cornélio Barsi, membro do Partido dos Trabalhadores (PT) em Fortaleza, atuante em movimentos contrários à ordem social estipulada pelos militares, teria partido para o Maranhão com a ajuda financeira de um irmão, e de lá, suspeitava-se, teria embarcado

com o nome de Rui Seloman, e partido, juntamente com Fernando Santiago e Luís Araújo, o “Santinho”, para Cuba. Há de se pontuar, que o irmão de Fernando, Edílson Santiago e o diretor José Araújo do Nascimento, destacam que Rui “Seloman” era figura constante em reuniões com Fernando e João Luís.

Contudo, a participação de Rui “Seloman”, bem como a de Raimundo Webster Lima, antigo companheiro de Fernando e “Santinho” na Escola de 2º Grau Professor José Maria Campos de Oliveira, passam a ser descartadas pela Polícia Federal, haja vista que, pelo menos quanto ao embarque de Rui Seloman no aeroporto de São Luís, “(...) *trata-se de um engenheiro e ‘uma pessoa conceituada’ residente em Belém, (...)*”.³⁰

Neste trecho, onde se pontua um modelo de “*pessoa conceituada*”, fica evidente, no discurso do jornal, a legitimidade ideológica que agrega proposições benévolas a sujeitos sociais que se encaminham nos padrões, ou na “ordem” social estabelecida, e, em contrapartida, aqueles que atuam socialmente na contramão desta supracitada “ordem”, passam a ser considerados os malévolos no tecido social, aqueles que se predis põem a encaminhar a sociedade para algo danoso, nocivo à “harmonia” societária.

Na representatividade de algo nocivo, é que o Air-bus da Varig, que partira de São Paulo com destino final a Manaus, é tomado de seqüestro no Maranhão. A partir de então, Fernando e “Santinho” passam a operar o comando da aeronave vindo a desviá-la para Paramaribo, capital do Suriname. Ali chegando, a dupla negocia com o embaixador brasileiro Luiz Felipe Lamprea, o abastecimento da aeronave. Como desfecho, os seqüestradores liberam os passageiros pelo abastecimento da aeronave, e seguem para Cuba.

Por fim, há de se salientar, como bem fica evidenciado em “*Último Pau-de-Arara*”, que o Fernando Antonio Santiago, momentos antes de realizar o seqüestro do avião, estava sob posse do livro “*A Ilha*”, de Fernando Morais, que muito embora não representando a realidade das experiências cubanas, como bem destaca Wolney Oliveira no Documentário, se forjava como leitura essencialmente romântica da realidade cubana, porém não menos importante para a compreensão, mesmo que de forma não criteriosa, de Cuba.

Assim, se operou o roteiro do “*Último Pau-de-Arara*”, o qual em sua essência deixa ver as suas influências trazidas, ou exercidas pelo “*primeiro*”, o qual foi praticado em 1969, e que encontrou o caminho de Cuba como possibilidade para o acolhimento de

seus ideais. Momentos distintos – 1969 momento de recrudescimento, e 1984 o momento de abertura política – mas que, contudo, representam o fascínio orquestrado por uma revolução de cunho popular, contrastando, assim, com o sistema político-ideológico encenado no Brasil a partir da década de 1960, o qual, sob a tutela norte-americana, imperou até meados de 1985. Este simbólico ano sintetiza o retorno do Brasil a uma ordem fingidamente democrática, haja vista que se insere somente num contexto em que o poder civil retoma, ou passa a operar o poder do Estado, ficando, contudo, a tutela viciosa com o “império” norte-americano enrijecida, continuada.

NOTAS

¹ Aluno do 6º Período do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú, bolsista de IC&T pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Este artigo diz respeito a um processo avaliativo da disciplina de História da América II, do Curso de História da supracitada universidade. Tal disciplina vale ressaltar, é ministrada pelo Profº. Ms. Adauto Duque, o qual vem orientando, e assim contribuindo para a realização deste trabalho. Ainda, Edvanir Maia da Silveira, Professora Assistente da referida Universidade, contribuiu para a realização deste.

² Professor s. do Curso de História da UVA

³ A referencia aqui explicitada, sobre as experiências que marcam este século podem ser mais bem verificadas em: HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁴ HOBBSAWM, Eric J. Op. Cit. p. 224.

⁵ A pluralidade explicitada ao longo deste trabalho fundamenta-se na perspectiva de se considerar que a “América” se forja, enquanto bloco continental, não de maneira harmoniosa, unilinear, mas sim, sob um aparato crítico, que legitima as peculiaridades históricas, e conflitos existentes entre os países que constituem este bloco.

⁶ A referencia a esta doutrina aqui explicitada, é referendada, por exemplo, em BERSOTTI, Paulo e FERRARI, Teresinha. A Propósito de Cuba e da Revolução. In: **América Latina: histórias, idéias e revolução**. 2º ed. São Paulo: Xamã, 1998. p. 136; onde os autores problematizam a história cubana a partir de sua estrutura colonial, seus conflitos e peculiaridades; passando por um período (principalmente no século XX) onde o imperialismo norte-americano passa a “comandar” as ações na Ilha, a partir de regimes ditatoriais “clientelistas”; chegando aos embates libertários desse século, os quais trazem à tona o processo revolucionário-popular de 1959, e por conseguinte os reflexos desta experiência como fomentadora da reformulação do aparato ideológico-dominante no restante das américas, por parte dos Estados Unidos.

⁷ Quanto a esta discussão de regimes clientelistas tomados a partir das relações político-econômicas entre países da América, ou mais especificamente entre países “subdesenvolvidos”, ou “emergentes”, com o “Império” norte-americano, ver: PETRAS, James. O Império Neomercantilista na América Latina: Bush, a ALCA e o Plano Colômbia. In: **Império e Políticas Revolucionárias na América Latina**. Trad. Carmem Cristina Cacciacarro. São Paulo: Xamã, 2002.

⁸ BERSOTTI, Paulo e FERRARI, Teresinha. A Propósito de Cuba e da Revolução. Op. Cit. p. 140.

⁹ Ibidem. p. 141.

¹⁰ PANDOLF, Dulce Chaves. Os Comunistas e o Golpe. In: SOARES, Gláucio Ary Dilton e D'ARAÚJO, Maria Celina (Orgs.) **21 Anos de Regime Militar: balanços e perspectivas**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1994. pp.71-88.

¹¹ FAUSTO, Boris. O Período Democrático. In: **História do Brasil**. 10º ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. p. 442.

¹² RIDENTE, Marcelo Siqueira. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. Esta leitura se mostra importante para o entendimento das atuações e propostas dos diversos grupos políticos que passaram a operar de maneira mais direta, no contexto da Ditadura Militar brasileira.

¹³ Ibidem. pp. 26-27.

¹⁴ FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. In: **Revista Brasileira de História**. 2004, vol.24, Nº. 47. pp.33 – 34.

¹⁵ CARAVELLE SEQUESTRO ATERRISOU EM HAVANA. **Unitário**, 09 de Outubro de 1969. Ano LXVII. Nº. 19.951. Capa.

¹⁶ EM 69, O REGIME SE FECHAVA CADA VEZ MAIS. **O Povo**, 08 de Fevereiro de 1984. Nº. 17.844. Caderno 02.

¹⁷ O periódico, com sede em Fortaleza, órgão dos Diários Associados, teve sua circulação efetivada desde 08 de Abril de 1903, data de sua fundação, por João Brígido.

¹⁸ CARAVELLE SEQUESTRO ATERRISOU EM HAVANA. Idem.

- ¹⁹ BOING DA AEROLINEAS SEQÜESTRADO NOS ANDES. **Unitário**, 09 de Outubro de 1969. Ano LXVII. Nº. 19.951. Capa.
- ²⁰ A analogia aqui proposta com o documentário de Bené Sabóia e Valdo Siqueira, “**Último Pau-de-Arara**”, é preponderante para se traçar a relevância exercida, dentro do sistema político brasileiro esquerdista, ao longo de toda a experiência ditatorial, seja ela num período de recrudescimento, seja num período de abertura política, de Anistia, por Cuba ao longo do amadurecimento do embate ideológico entre as duas potencias que emergiram do Pós-Guerra.
- ²¹ Relato de João Luis Araújo (“Santinho”), em o “**Último Pau-de-Arara**”.
- ²² PF CONFIRMA: APENAS DOIS SEQUESTRADORES. **O Povo**, 08 de Fevereiro de 1984. Nº. 17.844. p. 12.
- ²³ POLÍCIA FEDERAL REVELA NOME DE SEQUESTRADORES. **O Povo**, 05 de Fevereiro de 1984. Nº. 17.841. p. 03.
- ²⁴ BEZERRA, Viviane Prado. **Memória Política de Sobral: Ditadura Militar em Foco (1963 – 1970)**. Trabalho Monográfico. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2004.
- ²⁵ PROFESSOR ACREDITA EM SUBVERSÃO. **O Povo**, 06 de Fevereiro de 1984. Nº. 17.842. p. 07.
- ²⁶ CERTEAU, Michel de. A Operação historiográfica. In: **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. pp. 65-119.
- ²⁷ A referencia que evidencia a suposta participação de João Luis Araújo no Araguaia, muito embora não sendo aqui tomada como verdade absoluta, pode ser verificada em: IRMÃO DO SEQUESTRADOR ACHA QUE HÁ CONOTAÇÃO POLÍTICA NO CASO. **Diário do Nordeste**, 06 de Fevereiro de 1984. ANO III. Nº. 766. p. 07.
- ²⁸ Idem.
- ²⁹ Ver item 17. PROFESSOR ACREDITA EM SUBVERSÃO.
- ³⁰ POLICIA NÃO SABE AINDA QUEM É O AUTOR INTELECTUAL. **Diário do Nordeste**, 06 de Fevereiro de 1984. ANO III. Nº. 766. p. 07.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRÃO, Janete. **Pesquisa & História**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. (Coleção História; nº. 51)
- BERSOTTI, Paulo e FERRARI, Teresinha. A Propósito de Cuba e da Revolução. In: **América Latina: histórias, idéias e revolução**. 2º ed. São Paulo: Xamã, 1998.
- CERTEAU, Michel de. A Operação historiográfica. In: **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. pp. 65-119.
- FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. In: **Revista Brasileira de História**. 2004, vol.24, Nº. 47.
- GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. (Coleção As Ilusões Armadas).
- HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PEREIRA, Valter Pires; MARVILLA, Miguel (Orgs). **Ditaduras não são Eternas - Memórias da resistencia ao Golpe de 64, no Espírito Santo**. Vitória: Ed. Flor & Cultura/Assembleia Legislativa do Espírito Santo, 2005.

PETRAS, James. O Império Neomercantilista na América Latina: Bush, a ALCA e o Plano Colômbia. In: **Império e Políticas Revolucionárias na América Latina**. Trad. Carmem Cristina Cacciacarro. São Paulo: Xamã, 2002.

RIDENTE, Marcelo Siqueira. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

SOARES, Gláucio Ary Dilton e D'ARAÚJO, Maria Celina (Orgs.) **21 Anos de Regime Militar: balanços e perspectivas**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1994.